

CÂMARA E CÂMERA

Ricardo Cavaliere
(UFF, LLP, ABF)

Fato ordinário nas línguas modernas, a dupla forma lexical das palavras de significação externa atrai a atenção dos lexicólogos empenhados nos estudos diacrônicos. Sabe-se que as variantes contemporâneas de um vocábulo português devem-se ordinariamente a fatos restritos ao plano fonético, como ocorre nos casos em que coexistem formas com *b* ou *v* – *assobio*, *assovio* –, decorrentes de degeneração da consoante oclusiva, e nos pares de alternância vocálica em sílaba átona – *dezasseis*, *dezesseis* –, em que atuaram forças assimilatórias no curso prosódico da palavra. Situações há, entretanto, em que a coexistência de formas análogas se deve ao duplo ingresso de certos termos no léxico do português, não raro de fontes distintas e em épocas diferentes. Este o caso de *corredor* – lugar de passagem – e *corredouro*, em que o primeiro advém do italiano antigo *corridore* (CUNHA, 1994), já registrado na segunda edição do dicionário de Moraes Silva, e o segundo encontra registro no século XII (cf. VITERBO, 1965) como derivado de *cŭrrĕre*. Nas duplas divergentes em que figuram uma forma erudita e outra hereditária, há via de regra grande distinção semântica na língua contemporânea, como em *artelho* e *artigo*, *plano* e *chão* etc. No caso de *câmara* e *câmera*, a duplinha a que nos dedicaremos nesse breve estudo, o enquadramento das variantes não parece explicar-se facilmente, dado que o uso dessas formas configura-se hoje indistinto em alguns casos e, em outros, compulsoriamente distinto, em face de sua polissemia.

Ouve-se, por exemplo, atualmente que os deputados pouco compareceram (como sói acontecer) às sessões da *Câmara*, fato registrado pelas *câmeras* dos fotógrafos jornalistas. A convivência dos dois termos paronímicos nos textos contemporâneos dá ensejo a uma suposta distinção de sentido, como se constituíssem dois vocábulos diferentes, o primeiro designador de “aposento” ou “recinto” a que se restringe, em face de suas peculiaridades, o acesso das pessoas – *câmara nupcial*, *câmara mortuária*, *câmara-ardente* etc. –, sentido que metonimicamente se estende aos conselhos e colegiados de cunho representativo – *câmara comercial*, *câmara de deputados*, *câmara cível* etc.

Aparentemente, o significado atual de *câmara* implica necessariamente a noção de espaço fisicamente delimitado, a que se implementa a idéia de reclusão ou privacidade de uso. Nesse aspecto, o termo é usado no jargão médico para designação comum a várias cavidades e espaços do corpo, bem como à cavidade ou espaço intercelular (cf. HOUAISS, 2001; FERREIRA, 2000). A expressão *câmara de sangue*, que vem perdendo presença no jargão médico contemporâneo, mas ainda se registra nos léxicos do português, do espanhol e do italiano conduz à idéia de “diarréia sanguinolenta”, decerto resultante de raciocínio metafórico. Nessa linha, Moraes Silva oferece o registro de “evacuação do ventre” ou “excremento humano” (SILVA, 1813), o que reforça ser um valor semântico expressivo pelo menos até o final dos setecentos em português. No florentino, a par de outros dialetos itálicos, registra-se a expressão *andare a chamera*, como nesse passo de Zucchero Bencivenni: “l’acieto à questa natura, che s’elli truova lo stomaco pieno sî fa bene andare a chamera, e s’elli il truova voto sî restringnie” (CONSIGLIO, 2006). Observe-se, por expressivo, o dígrafo helênico, que denuncia na grafia a origem da palavra. Por sinal, a dialetologia diacrônica italiana oferece profícua variação ortográfica: *camara, camera, cammera, cammara, chamera, kammora* etc., conforme nos informa o precioso e utilíssimo *Tesoro della lingua italiana delle origini*, que hoje pode ser consultado de qualquer lugar do planeta pela Internet.

Note-se, em especial, que a metonímia em casos como *câmara de comércio* e *câmara de vereadores* – que desloca a designação do continente para o conteúdo, ou mais apropriadamente para o grupo de pessoas que por dever de ofício reúne-se na *câmara* – pode assumir matiz distinto em que se passa a designar o todo pela parte. Esse o caso de *câmara (câmera) fotográfica* e *câmara (câmera) cinematográfica*, conceito de qualquer dispositivo constituído de uma espécie de caixa ou compartimento fechado, ou quase fechado, com uma abertura pela qual raios luminosos são captados no intuito de gravar uma imagem em uma película química.

Por seu turno, *câmera* não goza de espectro semântico tão amplo, já que seu uso contemporâneo limita-se à designação do citado dispositivo fotográfico ou cinematográfico, com natural extensão para o indivíduo que manipula profissionalmente esse artefato, caso em que concorre com *câmara* em flagrante predileção. Decerto que algumas expressões isoladas como *música de câmara* concorrem com a correspondente escrita com *a*, as quais se explicam pelo já referido reingresso de certos termos no léxico do português mediante empréstimos de línguas modernas. Como judiciosamente afirma Antenor Nascentes (NASCENTES, 1966), em *música de câmara* havemos de reconhecer

influência do italiano *camera*, que na língua de Dante detém um especial relevo semântico para designar a sala de conselho para fins musicais. A presença do italiano é, por sinal, flagrante no vocabulário da música clássica em todas as línguas ocidentais. Essa via também nos legou o derivado *camerista*, italianismo que designa o músico especialista em *música de câmara*, e *camerata*, pequeno grupo instrumental. Via de regra, porém, não encontramos hoje no português brasileiro, ao menos da linguagem geral, a forma com *e* no sentido de aposento ou recinto, à exceção das expressões isoladas já aqui comentadas.

Uma curiosidade inicial diz respeito a essa notável preferência por *câmera* para a designação de dispositivo fotográfico. A rigor, o fato revela que, não obstante coexistam no léxico do português, os dois termos que ora estudamos mantêm uma relação de disputa pela preferência do falante em cada uma das acepções possíveis, de tal sorte que a natural reincidência e solidificação do uso de uma delas acaba por suprimir o emprego da outra. As conseqüências da concorrência lexical são fartamente exemplificadas no português, como nos pares *mais-chus*, *depressa-asinha* e tantos outros, em que o falante simplesmente optou por uma das formas semanticamente equivalentes, levando a uma progressiva elisão da outra.

No caso da progressiva preferência de *câmera* por *câmera*, especificamente na acepção de artefato de fotografia, ao menos no português do Brasil, saliente-se, creio haver influência do inglês, que como veremos adiante, só registra o nome primitivo com *e*, e especificamente nessa acepção. O fato, decerto, se deve à intensa movimentação mercantil dos tempos modernos, aliada ao fato de os citados artefatos serem fabricados em países estrangeiros, que preferem denominá-los na forma inglesa, já que é o inglês inegavelmente a língua franca da indústria e do comércio. Com isso, popularizou-se a vinculação de *câmera* ao sentido específico de dispositivo fotográfico ou cinematográfico.

Na voz dos etimologistas do latim, soa pacífica a origem de *camĕra,ae* no grego *καμάρᾱ*. Ensina-nos Émile Boisacq que o termo expressa usualmente no grego os significados de “quarto em abóbada”, “teto arqueado”, “teto da cama” e “teto de carruagem” (BOISACQ, 1923). Em todos os casos, predomina a idéia de forma abobadada. Em latim literário, por sinal, reina pacificamente esta forma com *ĕ*, cujo sentido inicialmente limitar-se-ia à referida noção de abóbada. Segundo Corominas, a acepção romance de “quarto” ou “alcova”, que, como vimos, já tem antecedentes no grego, encontra-se em Santo Agostinho e Casiodoro (COROMINAS, 1954).

O termo, decerto, ingressou na língua de Cícero pelo fluxo dos helenismos incorporados ao léxico latino com mediação etrusca. Segundo Ernesto Farias

(FARIAS, 1970) esta influência do etrusco constitui a única explicação plausível para a variação de grafias de palavras gregas em latim, em que ora se transcrevem com *p* palavras originalmente escritas com β , ora com *b* termos originalmente escritos com π , dentre outras mudanças. Isso porque o etrusco não tinha as sonoras *b*, *d* e *g*, fato que impunha aos termos helênicos com tais consoantes grande variação de grafia ao ingressarem no latim: gr. *kubernān*, lat. *gubernare*; gr. *pyrrós*, lat. *burrus*; gr. *amorga*, lat. *amurca* (FARIAS, 1970: 22).

Somente após a derrocada da ocupação etrusca entre os séculos V e IV a.C., puderam os romanos manter contato direto com as cidades gregas já fundadas na Península Itálica. A partir desse momento, a influência helênica no latim intensificou-se exponencialmente, facilitando o ingresso de empréstimos que se iam adaptando com grande facilidade ao sistema fonético latino. A alteração fonética do gr. *καμάρα* para o latim *camera* parece seguir uma regra geral de dissimilação que atinge a vogal de sílaba átona interna. Assim, a par de *kamára*>*camera*, registram-se outros casos análogos de dissimilação: gr. *Taras*, *Tárantos*, lat. *Tarentum*; gr. *kóthornos*, lat. *coturnus* (cf. FARIAS, 1970:24).

De qualquer modo, probabilíssima a hipótese de que o ingresso de *καμάρα* se tenha efetuado com a preservação da vogal baixa interna, ainda que por curto período. Para que se admita a regra de mudança acima referida, há de acatar-se necessariamente uma forma anterior ainda com *a* em latim, de tal sorte que se possa normalmente enquadrar a mudança de *ã* para *ě* dentro da regularidade que atingia a vogal baixa em sílabas abertas. A solução sofre pequeno revés se observarmos que, em sílaba interior aberta, o *ã* normalmente passa a *ě* e depois a *ĩ*, como em **perfacio*>**perfercio*>*perficio* e *abago*>*abego*>*abigo* (cf. FARIAS, 1970:182). No caso de *caměra*, pois, o *ã* precedente a *r*, proveniente ou não de rotacismo, passa a *ě*, como aconteceu com **transdade*>**tradare*>*tradere*. Cumpre ainda notar que, para avaliar essa hipótese de alteração fonética por dissimilação, haveremos igual e necessariamente de admitir um prévio deslocamento sistólico que transformou o termo helênico em um paroxítono latino.

Uma outra questão atinente à presença de *caměra* e *camãra* em latim diz respeito ao emprego das palavras nas variáveis de uso, tanto em língua oral quanto em língua escrita. Observe-se que a forma *camãra* é atribuída pacificamente ao latim vulgar, fato de que não se duvida aqui, sem que se fundamente com clareza, entretanto, o motivo de essa variante com *ã* haver-se fortalecido nos usos populares, em dissonância com a forma com *ě*, que se consolidou em língua escrita. Em princípio, o fato reforça a tese de que, não obstante por

breve período, a vogal baixa interna do étimo grego se manteve em latim antes de dissimilar para ě. Daí, teriam seguido curso paralelo a primitiva forma *camăra* e a alterada forma *caměra*, sendo que a essa última se conferia maior prestígio em registro literário.

O *Appendix Probi*, como sabemos, registra a correção *caměra non cammăra*, clara evidência de maior prestígio da forma com ě em *sermo litterarius*. Registrem-se, contudo, testemunhos de ambas as formas em alguns textos escritos, conforme nos informa o erudito lexicógrafo Guill. Freund (FREUND, 1860:399), fato que nos parece comprovar a existência de uma forma primitiva no léxico latino com a vogal baixa interna. Nessa linha, revela-se elucidativa a lição de Juan Corominas, para quem a forma *caměra* é a normal em latim escrito, mas *camăra* não só aparece como vulgarisco como também em textos de autores hispânicos como Sêneca (cf. COROMINAS, 1954).

Saliente-se, por sinal, que os registros dessa forma não são tão raros em textos de temário popular, como o *Itinerario terrae sanctae*, de Admnanus: “Ecclesiae interior domus sine tecto, et sine camara, ad coelum sub aere nudo patet” (CANGE, 1937:38). Diga-se, ademais, que durante o largo período anterior ao século I a.C., quando floresce em magnitude a literatura latina, não se podia falar em diferenças lexicais expressivas entre o *sermo urbanus* e o *sermo litterarius*. Na verdade, não se há de esquecer de que a fonte do vocabulário prestigiado em norma culta escrita sempre foi o vocabulário popular sedimentado pelo uso exemplar ao longo dos séculos (cf. MAURER JR., 1962). A coexistência de variantes diastráticas do latim oral em cultos religiosos e nas peças teatrais, sobretudo, favorecia o surgimento de formas lexicais em concorrência, fato que pode explicar a mudança gradual de *camăra* para *caměra* sem que o termo original se tenha elidido totalmente.

Em sua edição do *Appendix*, Serafim da Silva Neto (SILVA NETO, 1946:231) ocupa-se singularmente da nasal geminada¹ na forma vulgar – a seu juízo, uma pronúncia expressiva, similar a outros casos como **brutto>bruto*; **burriccu>burrico*; *camello>camelo* etc. – sem que trace ao menos uma linha para a questão da vogal átona interna. De qualquer forma, a presença da correção *caměra non cammăra* no *Appendix* deixa supor que os gramáticos latinos acreditavam ser a forma com ě uma corrupção secundária da forma com ě, criada pelo falante como resultado de um processo de assimilação

¹ Sobre a evolução *-mm>mb* (fr. *chambre*, cat. *cambra*), leia-se o substancioso texto *Camara non cammara* (App. Pr. 84): *la geminada latina -mm- em euskera*, de Maria Jesús Pantoja (PANTOJA, 2000).

vocálica. Essa hipótese, assim, compete com a anteriormente referida – de que *camăra* tenha precedido a *caměra* – como explicações cabíveis para a presença das duas variantes no léxico do latim. Não se elimine de todo, também, a improvável pronúncia *camăra* por hipercorreção, ou mais possivelmente por cultismo, numa tentativa de recuperar o étimo grego: “quod est graecos imitari” (FORCELLINI, 1940).

Será justamente essa presença dual que justificará a disseminação heteróloga de palavras hereditárias nas diversas línguas modernas que receberam o étimo latino, aqui com o radical em *ě* ali com o radical em *ă*. Na primeira linhagem, registra-se o fluxo para o Norte, em que o *ě* prevalece no fr. *chambre*, cat. *cambra*, no al. *Kammer*, no ing. *camera*, nesse último tão somente com o sentido de máquina de fotografar e filmar. No tocante especificamente ao francês, evidencia-se que a forma *chambre* deriva do lat. *caměra* (cf. LEBRUN & TOISOUL, 1937), fato que reforça a tese de que ambas as formas *caměra* e *camăra* coexistiam nas vertentes diatópicas do latim vulgar, já que *chambre* é termo hereditário. Saliente-se, por sinal, que não se pode descartar o deslocamento de ambas as formas para o francês antigo, a julgar pelos derivados *caméral* e *camériste* em face de *camarade* (cf. LITTRÉ, 1956).

No tocante às vertentes do latim que se expandiram para o Oeste, especificamente às que estão nas fontes dos dialetos sulistas do italiano, e a que se deslocou para a Península Ibérica, dando origem ao espanhol e ao português, não obstante haja registro de ambas as formas, a considerada vulgar (esp. *cámara*, port. *câmara*) parece constituir a fonte das palavras hereditárias. No italiano moderno decerto predomina *camera*, mas nos dialetos da Córsega e da Sicília o registro ordinário é de *camara* (cf. COROMINAS, 1954). Dessarte, a variante com *e* nessas línguas pode inicialmente ter-se inscrito no espaço que normalmente ocupam em linguagem culta os eruditismos, com posterior expansão para a língua corrente. No espanhol, por exemplo, a maioria dos termos que compõem a família etimológica deriva do radical em *ă*: *camarada* (o que dorme na mesma *cámara*), *camaranchón* (local da casa onde se guardam coisa velhas), *camarera* (criada) e *camarero* (chefe da *camara* do rei), *camarín* alem de outras. A presença do derivado *camerino*, segundo Corominas, se deve à influência do italiano (COROMINAS, 1954).

Não sem motivo, pois, o *Diccionario de la lengua española*, da Real Academia (REA, 1984), destaca a forma *cámara* como principal, atribuindo-lhe todos os sentidos conhecidos e vinculando-a ao étimo latino *camăra*. Do ponto de vista semântico, entretanto, revela-se surpreendente que no primoroso dicionário o principal significado seja o de “sala ou cômodo principal de uma

casa”, a despeito de sua conhecida origem como “cômodo de repouso ou de reclusão”. De qualquer forma, verifica-se que a primitiva noção de “cômodo em forma arqueada ou abobadada” perdeu-se no tempo.

Finalmente, no tocante à presença da duplinha em português, há de concluir-se que a disputa pela preferência do falante vem de longa data, de que resultou uma progressiva reserva de significação para cada palavra no decurso do tempo. A rigor, registram-se ambas em textos portugueses desde o século XIV, com sensível prevalência da forma com *a* (cf. MACHADO, 1952; SILVA, 1813), que desde logo ficou com o privilégio de designar o “cômodo de dormir”. Por curiosidade, refira-se à expressão *câmara cerrada* que significava a “quantia incerta que o marido promete a mulher de arras, ou talvez todo o necessario para o adorno da camara da mulher, sentido de acordo com a lei de 9 de fev de 1643” (SILVA, 1813). Esse viés semântico é um legado da liturgia matrimonial romana, a julgar pelo registro de *camãra* como “dotalitium uxoris” no *Glossário* de du Cange (CANGE, 1937).

O vocabulário de Bluteau ratifica a presença das duas formas em português, estabilizada por longo período. Por sinal, Bluteau já pondera com uma distinção semântica bem delineada dos usos de que ambos os termos gozam em português, conferindo a câmara o sentido particular de “a casa, em que se dorme”. Já no sentido de ente administrativo ou repartição pública, o clérigo londrino aponta o uso indistinto de *câmara* ou *câmera*: “As casas, & o Tribunal, em que o Presidente, Vereadores, &c. se ajuntão para tratar dos negócios concernentes ao bem publico de hua cidade (...) De Jacinto Freire retira Bluteau o seguinte passo: “Pedio vinte mil, Pardaos à Camera de Goa (BLUTEAU, 1712: 69).

A evolução semântica dos termos em português revela-nos uma progressiva predileção pela forma com *a*, que se encontra hoje com todos os sentidos de maneira geral. O dicionário de Aurélio Buarque de Holanda (FERREIRA, 1970) confere 16 acepções para *câmara*, que vão desde o sentido de “compartimento ou aposento de uma casa e, em especial, o quarto de dormir” até “pessoa que opera a câmara de cinema ou televisão”, o que revela a grande área semântica de uso da forma proveniente do latim vulgar. Diga-se o mesmo do precioso léxico de Antônio Houaiss, não obstante seja esse menos detalhado em expressões ou lexias em que consta nossa palavrinha.

Ambos os léxicos brasileiros, entretanto, falham no tocante à descrição de usos ao atestarem a forma *câmera*, no português contemporâneo, como mera variante de *câmara*, sem que se distingam as rigorosas restrições que a forma com *e* hoje sofre na área semântica da terminologia administrativa ou jurídica.

Com efeito, no português do Brasil, não se admitem hoje expressões como “Câmara dos Deputados”, ou “Câmara Cível, Câmara Criminal” – no sentido de “órgão dos tribunais” –, já que o uso normativo impõe a forma com *a* como exclusiva. O dicionário de Houaiss, em verdade, adverte que *câmera* “é de emprego corrente especialmente nas acepções de ‘dispositivo ou aparelho óptico’ em cine, foto e tv” (HOUAISS, 2001), o que efetivamente ocorre. Por sinal, mesmo o recente *Dicionário de usos*, de Francisco da Silva Borba (BORBA, 2002) que pretende cumprir papel mais acurado nessa área específica dos usos lingüísticos, deixa a desejar quanto à exata descrição semântica das duas formas lexicais.

Enfim, a já referida preferência de *câmera* na acepção de máquina fotográfica, máquina de filmar etc., a que já aqui nos referimos como provável reingresso por empréstimo do inglês, constitui exemplo preciso desse processo de fluxos e refluxos que a intensa troca lexical vem impondo às línguas contemporâneas. A hipótese se fortalece se observarmos que o mesmo fato é sintomático no alemão, em que, a par do vocábulo hereditário *Kammer*, registra-se hoje a forma *Kamera*, emprestada ao ing. *camera*, para designar especificamente a máquina de fotografar ou filmar (cf. HOEPNER, 2001:893).

Bibliografia

- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez e latino*. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.
- BOISACQ, Émile. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. 2ª ed. Heidelberg, Paris, Carl Winter's, Librairie C. Klincksieck, 1923.
- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo, Ática, 2002.
- CANGE, Domino du. *Glossarium mediae et infimae latinatis*. Paris, Librairie de Sciences et des RTS, TOMO II, 1937.
- CONSIGLIO NATIONALE DELLE RICERCHE. *Tesoro della Lingua Italiana delle Origini*. Disponível em <<http://tlio.ovi.cnr.it>>. Consultado em 24 de maio de 2006.
- COROMINAS, Juan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, v.1 1954.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.
- FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1970.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1970.
- FORCELLINI, Aegidio. *Lexicon totius latinarum*. Patavii, 1940.
- FREUND, Guill. *Grand Dictionnaire de la langue latine*. Paris, Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie., Traduit en français par N. Theil, 1860.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. versão 1.0. Instituto Antônio Houaiss, Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2001.
- LEBRUN, L. & TOISOUL, J. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 10 ed. Paris, Librairie Fernand Nathan, 1937.
- LITTRÉ, Émile. *Dictionnaire de la langue française*. Paris: Jean-Jacques Pauvert Editeur, 1956.
- MACHADO, J. Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Editorial Confluência, tomo1, 1952.
- MAURER Jr., Theodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1962.
- MAURO, Tullio. *Grande dizionario italiano dell'uso*. Torino, UTET, 1999.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1966.
- PANTOJA, Maria Jesús. Camara non cammara (app.pr.84): la geminada latina –mm- en eukera. In: GARCÍA-HERNÁNDEZ, Benjamín. *Latín Vulgar y Tardío: Homenaje a Veikko Väänänen (1905-1997)*. Madrid, Ediciones Clásicas, 2000, p. 157.
- PIDAL, Ramón Menendez. *Léxico hispánico primitivo (siglos VIII al XII)*. Madrid: Fundación Menendez Pidal, Real Academia Española, redactado por Rafael Lapesa e Constantino García, 2003.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. 20 ed. Madrid, Real Academia Española, tomo I, 1984.
- SILVA NETO, Serafim da. *Fontes do latim vulgar: o appendix probi*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946.
- SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da língua portuguesa*. Lisboa, Typographia de Lacérdina, 1813.